

As previsões dos economistas para 83

104
Das sucursais e do serviço local

As metas das contas externas para 1983, superávit comercial de 5 a 6 bilhões de dólares e déficit de US\$ 8 bilhões na conta-corrente do balanço de pagamentos, já estão praticamente definidas, devendo ser aprovadas amanhã pelo Conselho Monetário Nacional (ver página 63). Permanecem, contudo, no interior do governo, dúvidas e polêmicas sobre os demais parâme-

tros de política econômica que serão adotados no próximo ano, visando principalmente a reduzir a inflação.

Entre essas dúvidas, está o futuro dos subsídios, do mecanismo de correção monetária e as eventuais alterações da política salarial. Mas, segundo alguns técnicos do governo, além da fixação da estratégia para fechar o balanço de pagamentos — principal preocupação das autoridades —, não deverão ocorrer

mudanças significativas na política econômica, no próximo ano.

Para os economistas da área privada, no entanto, essas metas das contas externas são determinantes de uma recessão econômica em 83 e as previsões vão de uma retração semelhante à deste ano até a uma brutal e vertiginosa queda no Produto Interno Bruto, com reflexos em 1984. E a preocupação de alguns desses especialistas se baseia, especialmente, na expectativa de que essa recessão será improdutiva,

diante da manutenção do atual modelo econômico.

“Não se está fazendo uma recessão para preparar a rearticulação da economia brasileira. Estamos, isso sim, jogando uma cartada na esperança de que, se recorrermos à austeridade agora, a recuperação internacional nos carregue novamente nos braços”, afirma o economista Edmar Bacha, da PUC-Rio. Segundo seus cálculos, um corte de US\$ 6 bilhões nas importações

do próximo ano provocará uma retração de US\$ 18 bilhões na produção interna, correspondentes a 6% do PIB.

Outro crítico do atrelamento da política econômica brasileira às contas externas é o ministro do Planejamento do governo João Goulart, Celso Furtado, para quem a solução básica está na renegociação da dívida externa.

Essa recessão, que resultaria do corte das importações e dos gastos e investimentos do setor

público, se traduziria em uma queda de até 4% do PIB e de 10% na produção industrial e em um aumento de até 15 pontos percentuais nos índices de desemprego, segundo os cálculos dos economistas Luiz Gonzaga Belluzzo, Marcel Solimeo e Luciano Coutinho, de São Paulo. Entretanto, eles esperam poucos resultados positivos dessa política: a inflação, por exemplo, não deverá ser inferior a 80%, enquanto as taxas de juros internas se mantiveriam elevadas, em 1983.